Ano IX — Lisboa, Novembro de 1953 — N.º 103

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

INGRATIDÃO

No dizer de Alexandre Herculano, a ingratidão é, porventura, o mais horrível dos pecados. Para nós, sem querermos ultrapassar os limites da nossa modéstia, damos plena concordância à asserção do grande historiador e ousamos, até, acrescentar que todo o pecado, visto de determinados ângulos, reveste, invariàvelmente, a forma de ingratidão. Não assumirá, acaso, foros de ingratidão para com o esforço do trabalhador, o acto do ladrão que se apodera dos haveres ganhos com tanto esforço? E a atitude desvairada do assassino, não representa falta de reconhecimento para com a beleza transcendente dessa sublime obra da Criação que é a Vida? Não será o pecado, em suma, uma ofensa às leis da harmonia e, como tal, ingratidão para com os seus benefícios?

Este pecado humano é produto de caracteres volúveis e egoístas. Noutras vezes, porém, é sentimento que desabrocha no coração dos que o orgulho torna insensíveis, os quais, servidos nos interesses e ambições, depressa esquecem a mão do benfeitor. É tal a repulsa e horror que esta deformidade moral provoca nos indivíduos de índole bem formada, que é evidente o estigma doloroso e triste desenhado no semblante N. S. Jesus Cristo, quando Pedro o negava no pátio do Sumo Sacerdote. Nem a turba vociferando por Barrabás, nem as humilhações da soldadesca brutal, produziram tamanha expressão de sofrimento moral como o procedimento traiçoeiro do discípulo querido que Ele trouxera da Galileia.

Na época presente, caracterizada pela efervescência de ambições, egoísmos e volubilidade, os ingratos abundam, actuando com desembaraço e desplante, sem sentirem, sequer, o menor rebate de consciência, ou o remorso que fez derramar a Pedro lágrimas abundantes e dolorosas. A cada esquina podemos encontrar um ingrato; cruzamos, com eles, nas ruas e trabalham ao nosso lado. A qualquer hora podemos ver o filho ofender a mãe carinhosa, o pobre maldizer o benfeitor, o rico esquecer o servo dedicado.

Na entrevista que o Rev. Eduardo Moreira se dignou conceder a este jornal, este antigo e prestigioso dirigente escotista afirma a sua suspeita de que muitos dos que muito lucraram com o Escotismo, mesmo imperfeitamente praticado, têm esquecido a origem dos seus êxitos. Este esquecimento é exemplo frisante de ingratidão para com o Escotismo. Homens que receberam a benéfica influência de um método educativo genial, negam, com tão estranha atitude, a fonte que os dotou de tantos valiosos predicados. Porquê? Causar-lhes-á vergonha terem militado num movimento de tão patentes virtudes ou quererão encobrir à juventude o caminho onde exercitariam aptidões e formariam o carácter? Não será esse procedimento uma ofensa real aos propósitos daqueles que, abnegadamente, se empenharam em dotar o Escotismo daqueles ideais elevados que vibravam no seu coração?

A ingratidão é, sem dúvida, o mais horrível dos pecados. É abjecta quando se disfarça, cruel quando fere, injusta quando esquece. O braço de César só caiu desalentado quando o ditador romano descobriu, no bando de assassinos, o rosto do amado filho adoptivo. Fora a ingratidão que o prostrara.

Atitude sábia é a daquele que tanto está apto a aparar os golpes da ingratidão como a prestar justiça ao esforço e valor alheios.

JOEL RIBEIRO

O N.º 100

do "SEMPRE PRONTO"

Um telegrama do Eng.º Jorge Pereira Jardim, ex-presidente dos Escoteiros de Portugal

O número 100 do nosso jornal foi recebido com manifestações de simpatia da parte dos nossos leitores. O Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim teve a gentileza de nos enviar da cidade da Beira o seguinte telegrama:

«Recebendo vosso número cem, formulo destas terras África Portuguesa melhores votos continuidade vosso trabalho serviço Escoteiros de Portugal».

a) *Jorge Jardim*

Agradecemos reconhecidos tão simpático telegrama pelo que ele representa de estima e apreço pelo nosso mensário.

* * *

Muitos outros amigos nos felicitaram verbalmente e os nossos prezados amigos Srs. Manuel Argentino de Bettencourt, nosso agente na ilha do Faial; Rev. Vidal Vieira dos Santos, nosso correspondente no Porto; Luís Simões Aurélio, Rev. Joaquim Rosa Baptista, João Trigueiros, António Xavier de Brito e a Sr.ª D. Diamantina Eunice de Conceição enviaram palavras de felicitações, numa agradável manifestação de simpatia que muito nos apraz registar.

A estes nossos bons amigos agradecemos tão cativantes expressões de apreço.

* * *

Também o quinzenário «O Semeador Baptista», de Leiria, de que é Director o nosso caro amigo Rev. Dr. António Maurício, se referiu ao n.º 100 do *Sempre Pronto* com palavras de simpatia, que agradecemos. Outro tanto agradecemos ao «Actividade», do grupo 45 do Faial, a referência feita ao nosso número Cem.

Depois da notícia acima se encontrar no prelo, continuam a chegar até nós manifestações de simpatia de muitos amigos que nos têm acompanhado na obra do «Sempre Pronto». Entre as mensagens recebidas, queremos destacar um ofício da revista «Cruz de Malta» da Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, subscrito pelo seu digno redactor sr. William R. Schisler, Filho, que nos afirma acompanhar «com grande simpatia e interesse» as páginas do nosso mensário, a que se refere com palavras amigas, que muito nos honram e desvanecem.

Agradecemos a prova de estima, assim como agradecemos também a visita que a «Cruz de Malta» regularmente nos faz e que muito apreciamos.



2 — TRENTE GARÇONS, por *Jean Pellegrin*. 3.ª ed. refundida. Ed. dos «Éclaireurs Unionistes de France». Paris, 1945. 156 págs.

Embora oito anos se tivessem passado sobre esta obra, só agora ela me chegou às mãos, e em boa hora, porque nunca é tarde para se travar conhecimento com um livro de natureza dos que lavam a alma por dentro.

Não se está, de facto, habituado em Portugal à literatura escotista, facto que me entristece duplamente por nele ver, por um lado ausência de chefes capazes de se abalançarem à doutrinação escrita dos rapazes portugueses, por outro lado o desinteresse destes por se aperfeiçoarem na «arte do Escoteiro» procurando abeirar-se da boa literatura onde possam colher ensinamentos que os beneficiem e auxiliem na sua missão.

Vergonha é dizê-lo: em Portugal não há literatura escotista, pois não se pode considerar como tal a meia dúzia de folhetos que as duas associações existentes têm publicado nestes 40 anos de Escotismo, sendo a própria tradução do livro mestre do Chefe devida a um jornalista, já falecido, que não pertencia às fileiras do Escotismo e nem sempre foi, por isso, fiel ao pensamento do autor.

Trente garçons pode considerar-se um complemento natural do *Aids to Scoutmastership* de B. —P., de cujo espírito partilha, mas de cuja letra se afasta por vezes devido ao imperativo da diferença de temperamentos e de idiossincrasia de Franceses e Ingleses. É a obra dum chefe que, em 30 anos de prática e servido por uma inteligência clara, lúcida e percuciente, soube condensar essa experiência em preceitos, normas, sugestões e conselhos em forma de livro, que me permito aconselhar vivamente a todos os EC de Portugal.

Nada se encontra nele daquele dogmatismo tão da nossa preferência, antes convence pela persuasão, tendo sempre presente que um EC é um homem, portanto sujeito a errar, admitindo mesmo que erre, mas sugerindo-lhe o meio de corrigir o seu erro e de reparar as consequências desastrosas que este possa ter. Livro de um EC cristão, não é, por essa razão, um devocionário como alguns cristãos mal conformados poderiam pensar ou esperavam que fosse, porque é obra escrita com *espírito cristão* para *Escoteiros cristãos*. Isto explica que, aqui e além, aconselhe o recurso à oração, um dos meios a que um EC cristão pode e deve recorrer com mais frequência para cumprir a sua espinhosa missão.

Obra da melhor pedagogia escotista, lê-se com o mesmo interesse com que todos lemos os aliciantes livros de B. - P. Talvez, porém, só uma percentagem insignificante de EC portugueses saiba tirar proveito da leitura, não por incompetência pessoal para o desempenho das funções em que os investiram (tantos deles entusiàsticamente), mas por causa dos vícios da nossa educação secular, de que, apesar de tudo, ainda não conseguimos libertar-nos. Por isso não só com a experiência que me deram mais de 15 anos de chefia de grupos de Escoteiros, mas mais de 30 anos de actividade docente constante, lhes aconselho a leitura deste belo livro e, mais do que isso, a sua meditação calma e raciocinada, na certeza de que, no final, alguma coisa de bom lhes terá penetrado o espírito e os levará a procurar o aperfeiçoamento interior, sem o qual nenhum EC o pode ser de verdade. Só com a prática consciente e sentida dos princípios nobilíssimos que há quase meio século B. - P. divulgou pela primeira vez se poderá — enfim! — que nós, Portugueses, nos corrijamos desses vícios históricos que acima me referi e ainda hoje nos colocam abaixo de tantos outros na escala dos povos civilizados.

O RATO SÁBIO

Expedição Científica Inglesa à Ilha de Santa Maria

Conforme já noticiámos, em Agosto passado estiveram na Ilha de Santa Maria, Açores, 14 alunos do famoso colégio britânico «Charterhouse», onde Baden-Powell estudou. Eram quase todos escoteiros do 1.º grupo do mesmo colégio e eram chefiados pelo dirigente escotista Professor Leask.

O acampamento foi montado em moldes absolutamente escotistas, em três equipas, tendo os estudantes efectuado recolha de plantas e flores numa actividade de exploração científica muito interessante.

O Chefe Moniz Silva, nosso correspondente em Angra do Heroísmo, dirigiu-se de avião para o local, tendo prestado o maior apoio à expedição, servindo de intérprete e guia, procurando solucionar problemas e resolver dificuldades, tendo interessado as autoridades locais e população, que dispensaram aos visitantes um acolhimento carinhoso.

O professor Leask mostrou-se reconhecidíssimo com a cooperação da Direcção dos Escoteiros de Portugal e do Chefe Moniz Silva e agradeceu e elogiou a hospitalidade com que a expedição foi recebida.

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 10 — Lisboa

Na sua Sede, na Igreja Evangélica Presbiteriana, da Rua de S. Bento, realizou este Grupo, no passado dia 19 de Outubro, uma sessão dedicada aos Caminheiros, na qual o Chefe Samuel Vieira fez uma exposição acerca da sua viagem à Suíça onde tomou parte no V Acampamento Mundial de Caminheiros.

Encontravam-se presentes Caminheiros dos grupos n.ºs 2, 13, 53, 79, 94 e 99 de Lisboa; e 93 de Sintra. O Chefe Samuel Vieira expôs o que viu naquele grandeacontecimento escotista, revelando pormenores cheios de interesse que revelam o espírito de camaradagem fraternal que existe entre os escoteiros de todas as nacionalidades, referiu-se ainda aos nossos irmãos em Espanha, e terminou entregando ao Presidente da Direcção do seu Grupo, Rev. Dr. Manuel Conceição Jr., uma lembrança do «Rovermoot», o distintivo escoteiro dos pastores evangélicos, uma cruz com a flor de lis, em vermelho. Este agradeceu a lembrança, saudou todos os escoteiros presentes e disse do seu muito apreço pelo Movimento Escoteiro, cujo espírito de amor pela Pátria e pelo Próximo pôs em relevo, manifestando o seu apreço pelo trabalho que o Grupo 10 vinha realizando dentro da Igreja de que é Pastor.

No final o Grupo 10 ofereceu um chá a todos os presentes.

Grupo n.º 33 — Leiria

Esta unidade de Leiria tem feito diversas excursões ao campo. No dia 18 fez um exercício seguindo uma pista num percurso de 4 quilómetros até ao Alto dos Capuchos, onde foram feitas escaladas com o auxílio de espias, que despertaram o maior interesse entre os escoteiros e aspirantes.

O Grupo projecta realizar em 1954 um acampamento na Figueira da Foz de colaboração com o Grupo local n.º 78.

Grupo n.º 6 — Olhão

Visita do Presidente da A. E. P. — No domingo, dia 1 do corrente, este Grupo prestou guarda de honra ao Sr. Comandante Tenreiro, que visitou a vizinha localidade de Fuzeta.

Taça «João Trigueiros» — Esta taça, que anualmente é disputada com um jogo realizado no agreste e difícil Cerro da Cabeça, foi, pela segunda vez, ganha pela patrulha «Andorinha». Se no próximo ano esta patrulha voltar a ganhar este Concurso, ficará na posse definitiva da Taça.

O jogo foi disputado com entusiasmo e correcção durante cinco horas.

Bivaque — Em 25 de Outubro efectuou-se na Mata de Belmonte um bivaque deste grupo, tendo como principal parte do programa uma corrida de obstáculos de técnica escotista, entre patrulhas.—C.

Grupo n.º 60 — Vila Real de Sto. António

Em 29 do corrente, vai realizar-se nesta localidade uma festa escotista para reaparição do Grupo 60, com a colaboração do Grupo 6 de Olhão, constando de desfile pelas ruas da Vila e uma sessão numa colectividade de recreio, durante a qual prestarão compromisso de honra os novos escoteiros e alguns lobitos farão Promessa, empregando o cerimonial apropriado ainda não conhecido naquela Vila. Efectuar-se-ão também demonstrações escotistas por escoteiros dos dois grupos e um simulacro de Fogo de Conselho. — C.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Aventuras de Maori Brown

Baden Powell, nos seus livros, refere-se frequentemente a homens que o acompanharam ou que conheceu nas suas viagens através dos cinco continentes. Maori Brown, oficial irlandês que serviu com B.-P. nas campanhas africanas contra os zulos, é um curioso tipo de aventureiro, cuja vida acidentada tem o seu quê de romanesco, acentuado pelo estilo fácil e cheio de humor do nosso Chefe Mundial. Por isso, não resistimos à tentação de narrá-la aos nossos leitores:

«Um dos oficiais brancos do nosso contingente indígena era conhecido em toda a África do Sul pelo nome de Maori Brown. De tez queimada, apaixonado pelas aventuras, era filho de um general e pertencia a uma antiga família irlandesa. A sua vida tinha sido uma sucessão de aventuras extraordinárias, se a metade sòmente do que ele contava fosse verdadeiro.

Depois de ter sido educado com vista a entrar para o exército, foi atraído por diversos negócios desagradáveis e teria sido perseguido pelo seu pai se não fosse a intervenção de um velho general amigo da família. Reconciliaram-se então, como convinha. Para comemorar o acontecimento, foi convidado para almoçar com seu pai e o general no clube de ambos. Deram-lhe um grande sermão e ele prometeu emendar-se e, apertando as mãos, selaram um pacto de amizade à volta do último cálice de «Porto». Brown, com o fim de testemunhar, por seu turno, o reconhecimento e as intenções de agir melhor no futuro, ofereceu cigarros aos dois senhores. Porém, quando ele os acendia, os dois cigarros estalaram ao mesmo tempo, com um enorme ruído. Brown tinha-se esquecido completamente que havia posto na sua cigarreira cigarros explosivos para pregar uma partida a um dos seus amigos!

Depois disto, ele não tinha mais nada a fazer senão retirar-se. Embarcou no primeiro navio para a Nova Zelândia. Uma vez lá, logrou entrar para a polícia, agradando nesta missão aos chefes, até que um branco do seu conhecimento foi assassinado no mato por maioris (1) desconhecidos. Investigando com um grupo de agentes no local do crime, Brown bem depressa encontrou três ou quatro indígenas trajando ridìculamente as peças do vestuário do morto. Em virtude do princípio de *Bis date qui cito dat*, prendeu-os antes de terminar as diligências e fuzilou-os no local sem outra forma de processo. Esta solução elegante valeu-lhe ser posto fora da polícia.

Por fim, apareceu na África do Sul e atravessou mil outras aventuras maravilhosas durante as guerras *kafirs* e nas minas de ouro, até que foi notado pelo grande combatente sul-africano, sir Frederick Carrington, que o pôs à cabeça dos seus recrutas indígenas.

Achei nele um companheiro admirável durante esta pequena campanha.

Anos mais tarde, em Inglaterra, li num jornal uma local que informava que um certo coronel Brown, depois de várias infelicidades estava a cargo do Exército de Salvação, em East End, em Londres. Fui-vê-lo. Era, com efeito o meu velho amigo, muito mudado, abatido pela idade e pelas febres, mas sempre sorrindo. E tinha razão para sorrir, porque uma senhora que sustinha com os seus generosos donativos o Exército de Salvação, tendo conhecido a sua triste situação, vinha frequentemente visitá-lo. Acabaram por se casar e viveram desde então muito felizes».

BADEN-POWELL

(1) Aborígenes da Nova Zelândia.

LOBITOS

Dois jogos para lobitos

1) GARIMPEIROS:

Atira-se pela sala de reuniões ou por um terreno limpo 50 milhos ou feijões que serão os diamantes. A um sinal, os lobinhos lançam-se a apanhar os diamantes para o seu Bando. O que conseguir reunir um tesouro maior, vence o jogo. Quando os Bandos tiverem presentes número diferente de lobitos, para igualar o resultado divide-se o total do Bando pelo número de lobitos.

VARIANTE — Atiram-se 25 feijões de uma cor e 25 de outra cor, dando-se a cada cor um valor diferente, 1 ponto para uma cor e 2 pontos para a outra cor.

OBSERVAÇÃO — Todos os feijões ou milhos atirados (e prèviamente contados) devem voltar às mãos de Aquelá, para evitar escorregões e outros acidentos. Se faltar algum feijão os Bandos devem-se esforçar para encontrá-lo, podendo Aquelá dar a esse último valor maior.

2) — O RECTÂNGULO:

Aquelá dá uma folha ou meia folha de jornal a cada lobito e manda que todos fiquem no mesmo lado da sala ou do terreno, não podendo ultrapassar uma linha marcada no chão (com giz, corda, etc.). Essa linha deve estar a mais ou menos 5 metros de uma parede ou de um quadro onde Aquelá prega um rectângulo de jornal, cortado à mão de qualquer tamanho, mas de preferência que não seja exactamente um oitavo, um quarto ou a metade da folha dada aos lobitos. Estes, sem ultrapassar a linha, devem cortar também com a mão—um rectângulo de tamanho igual, por simples observação e avaliação a distância. Cada um escreve o seu nome e Bando no seu rectângulo. Aquelá recolhe todos e verifica quais são os seis mais semelhantes, ao rectângulo exposto—(levando em conta também a perfeição da figura geométrica). O Bando que tiver maior número de lobitos classificados nestes 6 primeiros, vence o jogo.

VARIAÇÕES — Mudar a figura geométrica para triângulo, quadrado, etc., quando se der o jogo uma outra vez.

Comissário Geral de Lobinhos da U. E. B.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Prof. Dr. Edmundo Lima Basto

Este prestigioso cirurgião português, que na sua mocidade foi um escoteiro e dirigente entusiasta, foi recentemente homenageado nos Estados Unidos, juntamente com o prof. Dr. Francisco Gentil, tendo sido recebido como «Fellow» do Colégio Americano de Cirurgiões. Ao ser-lhe entregue o diploma, o ilustre professor jurou manter as altas tradições e práticas da profissão de cirurgião, tendo sido depois saudado pelo Dr. Fred W. Ranken, presidente do Colégio.

Prof. Eng.º Henrique de Barros

O professor Henrique de Barros, antigo dirigente escotista, mestre de economia agrária, encontra-se há meses no Brasil como delegado da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, onde tem percorrido diversos Estados e realizado várias conferências, proferindo lições que têm merecido os mais rasgados elogios dos cientistas e da imprensa brasileira.

«A Voz de Portugal» publicou um artigo sobre o ilustre professor que terminava com a seguinte significativa referência:

«Como homem, como técnico, como mestre incomparável que é, a presença do professor Henrique de Barros entre nós, será por muito tempo lembrada, pela amizade e lealdade com que distinguiu sempre todos aqueles que dele se acercaram, quer pela inteligência esclarecida e brilhante com que se soube desincumbir da importante missão que o Brasil lhe confiou através da F. A. O.»

É uma honra para o movimento Escoteiro ter tido nas suas fileiras figuras que, como os Professores Edmundo Lima Basto e Henrique de Barros, bem como tantos outros, no estrangeiro honram o nome de Portugal.

RENATO MORLEY, Instrutor Nacional dos Escoteiros Unionistas de França esteve em Lisboa.

Segundo informa a revista «ECCLESIA», esteve em Lisboa, como delegado à Conferência Internacional das Organizações Familiares, o pastor Renato Morley, instrutor nacional dos «Escoteiros Unionistas» de França. O pastor Renato Morley é o autor dos dois primeiros volumes da colecção «Les Pionniers», «Nœuds et Passerelles» e «Les Ponts», ilustrados por sua esposa, duas obras técnicas muito conhecidas em Portugal, editadas pela «Arma» de Paris.

Guias de Portugal

Grupo «Rainha D. Leonor»

Este simpático agrupamento de Escoteiras esteve em festa no passado dia 1 de Outubro, a fim de prestar homenagem aos padrinhos que cooperaram na organização do grupo. Ao abrir a festa, usou da palavra a sua Presidente, Sr.ª D. Aida Conceição, que dirigiu palavras de estímulo às guias e agradeceu a cooperação de todos os amigos do agrupamento.

A Chefe do Grupo, Sr.ª D. Júlia Pena Ribeiro, tomou a promessa da nova Guia Maria Helena Melo Romiro, e seguidamente foi servido um chá, depois do que as Guias apresentaram algumas poesias e distracções.

Ao terminar, o Rev. Dr. Manuel Conceição Jr. agradeceu em nome dos homenageados a manifestação de simpatia das Guias e afirmou que a Igreja Presbiteriana tem em muito apreço o trabalho educativo que tanto o Grupo de Guias «Rainha D. Leonor» como o Grupo de Escoteiros n.º 10 vêm realizando no seu seio

PRÉMIO NOBEL DA PAZ

Alberto Schweitzer — o maior homem do século

Ao ser anunciado que o prémio Nobel da Paz fora concedido este ano ao general Marshall e ao Doutor Alberto Schweitzer, muitas pessoas, que conhecem perfeitamente o primeiro, cujo nome tem sido intensamente divulgado através da actividade política, se hão-de de ter interrogado acerca do segundo. — Quem será Schweitzer? No entanto, este é uma das figuras contemporâneas mais extraordinárias, de actividade surpreendente, *o maior homem do século*, como já foi classificado por Einstein.

Nascido na Alsácia em 1875, filho de um pastor protestante, foi educado num ambiente de piedade cristã que impressionou fortemente o seu carácter e fortaleceu a sua personalidade. Muito estudioso, aos 21 anos dedicava-se simultâneamente à música, à ciência e ao ministério cristão. De uma actividade surpreendente, aos trinta anos era uma personalidade notável em todos os aspectos da sua vida. O seu génio musical assombroso dera-lhe os aplausos das plateias e a admiração do público, que via nele o intérprete incomparável de Bach, de quem foi também biógrafo. Escritor de um fecundo labor literário, doutor em teologia e em filosofia, conferencista, professor da universidade, tinha garantido o êxito da sua carreira e reunido amigos e admiradores que o estimavam.

Porém, um acontecimento imprevisto iria modificar o curso da sua auspiciosa carreira e decepcionar os seus numerosos admiradores. Passando um dia na praça do mercado da cidade de Colmar na Alsácia, Schweitzer observou um monumento ao almirante Bruat e ao poder colonial alemão, no qual se via esculpida a figura de um negro numa atitude de humilhante submissão. A sensibilidade cristã de Schweitzer impressionou-se com aquele quadro e a sua consciência interrogava-o se «seria realmente verdade que exploramos essas pobres criaturas e não lhes damos sequer assistência médica e os remédios de que necessitam?»

Regressou a Estrasburgo, mas a sua consciência continuou a fazer-lhe sentir a necessidade de acudir aos selvagens africanos. Foi então que Deus, na sua infinita sabedoria, lhe fez chegar às mãos uma revista na qual se deparou a Schweitzer um artigo sobre o Congo, em que se lia: Enquanto pregamos a nossa religião aos selvagens, estes sofrem e morrem, diante dos nossos olhos, de toda a sorte de doenças que nós, missionários, não podemos curar.» Este artigo modificou completamente a sua vida. Iria estudar medicina e partiria para Africa a pregar o Evangelho e a curar os negros. Os seus amigos protestaram, mas Schweitzer sentia o chamado divino e nada o poderia afastar do imperativo da sua consciência cristã. Na opinião do eminente escritor católico argentino Casal Castell, Schweitzer «*escolheu a profissão de homem*».

Quase cinco anos depois está formado em medicina e prepara-se para partir. Antes, porém, apaixona-se pela filha de um historiador judeu da Universidade de Estrasburgo, Helena Bresslau. Os amigos julgam que isso o irá levar a desistir dos seus projectos, mas o homem que anteriormente respondera aos protestos dos seus amigos com a frase de Goethe — *no princípio era a Acção* — tinha já posto os seus projectos bem claros à noiva e esta, num admirável espírito de consagração, afirmou-lhe: — *Estou terminando o meu curso de enfermeira, você não poderia partir sem contar comigo.*

Para a expedição era necessário dinheiro, visto que eram indispensáveis remédios, material e instrumentos cirúrgicos. Esse facto, que poderia atrapalhar qualquer outro, para o homem que tinha posto a sua confiança só em Deus não constituía obstáculo. Fez conferências, deu concertos e arrecadou assim os fundos necessários. Na sexta-feira santa do ano de 1913, os noivos partiram para a África Equatorial Francesa. Instalaram-se com a sua bagagem em canoas, e dirigidos pelo primeiro amigo negro que encontraram, um cozinheiro chamado José, subiram o rio Ogoue, numa viagem de três dias, até Lambarené, local onde se encontrava a missão, no centro de uma região infestada de moscas *tsétsé*, formigas, cupim e mosquitos transmissores de doenças, causando constante aumento de mortalidade.

À sua chegada, mais dificuldades surgem. Esperava encontrar aposentos para dormir, um pequeno hospital de duas peças, mas nem uma cabana havia.

A situação era deveras difícil, visto que os delicados instrumentos cirúrgicos corriam o risco de se enferrujar e os remédios poder-se-iam deteriorar. Mas estas contrariedades não abateram o espírito de Shweitzer. Instalou imediatamente uma barraca e procurou proteger os instrumentos cirúrgicos com uma camada de gordura, enterrando os medicamentos. Estas actividades surpreenderam os indígenas, que começavam a chegar em grande número, vindos das florestas, em atitudes suspeitas, ostentando lanças, facas, arcos e flechas envenenadas e os seus dentes limados e aguçados para retraçar carne humana.

José sabia bem o que tais atitudes significavam e preveniu o missionário. Mais uma vez era necessário agir.

Schweitzer, mesmo de longe, tinha já verificado a presença de muitos indígenas atacados das mais variadas doenças. Num galinheiro improvisou uma sala de operações e uma muito usada cama de campanha serviu de mesa operatória. Escolheu para o seu primeiro tratamento um negro que sofria de uma dor crónica no lado direito (apendicite) e que a custo concordou em se deitar na cama. Fecharam as portas, correram as cortinas, o que não evitou que através dos buracos do tecto muitos olhos espiassem as magias do «branco», na certeza que o desfecho seria desagradável se o preto morresse.

O resultado foi magnífico. Os selvagens viram o doente «morrer», o mágico branco rasgar-lhe as entranhas e depois fazê-lo ressuscitar. A simpatia dos indígenas estava conquistada. A notícia espalhou-se velozmente pela selva e Schweitzer teve de operar absessos, hérnias, úlceras e tratar das mais variadas doenças. Em compensação os indígenas ajudaram-no a construir um hospital, na encosta de uma colina, a um nível que colocava o edifício ao abrigo das enchentes.

A alimentação dos missionários e dos próprios doentes era também um problema grave, tanto mais que alguns tratamentos exigiam um internamento prolongado. Nem sempre as famílias dos doentes traziam alimentos. Schweitzer, na sua admirável actividade, preparou uma clareira na selva e semeou legumes, plantou fruteiras e algumas espécies de palmeiras. Trocava contas e peças de algodão por ovos, tapioca ou bananas, importando da Europa, com grande custo, os géneros que lhe faltavam.

O êxito da grandiosa obra missionária atestava a surpreendente capacidade de Schweitzer e a mão de Deus amparava tão poderosamente o devotado apóstolo missionário que, no primeiro ano, nem um só doente morreu. A esposa de Schweitzer era a sua colaboradora abnegada e a companheira dedicada. O missionário encontrava ainda tempo para se internar no mato e levar conforto espiritual e cuidados médicos a tribos distantes. Nos curtos momentos vagos, após os seus árduos trabalhos, Schweitzer deliciava o seu espírito executando as suas peças musicais preferidas num piano que a Sociedade Bach de Paris lhe tinha oferecido.

Conta um dos seus admiradores e seu biógrafo, o sacerdote católico Padre John A. O'Brien, da Universidade de Notre Dame, que uma noite estando ele enlevado ao piano, «sentiu a mão da esposa pousar-lhe sobre o ombro. Apontava, ela, para a janela aberta. Vultos encaminhavam-se rumo à porta da enfermaria. O médico não pôde reprimir uma exclamação de horror. Eram os malditos canibais que pretendiam, talvez, roubar um dos doentes para dele se alimentarem. Tomando uma espingarda Schweitzer atirou para o ar. Os antropófagos, apavorados, saíram numa corrida desabalada...»

A obra, porém, iria sofrer um duro revés. A guerra tinha eclodido na Europa, essa guerra que era a negação da filosofia cristã do abnegado apóstolo das selvas, que afirmava: — «a vontade de viver que alcança o conhecimento é dominada por profunda compaixão de todas as criaturas. Ela sente não só a desgraça da humanidade, mas a de todas as criaturas. O que comummente em ética se chama *amor* é, na sua essência real, *compaixão*; neste sentimento dominante de compaixão, a vontade de viver desvia-se para fora de si mesma».

«A ética consiste, pois, em que eu sinta o dever de manifestar a toda a vontade de viver o mesmo respeito que eu manifesto à minha».

Mas a guerra é ódio, não respeita a vontade de viver. E o ódio é cego. Por isso, em Agosto de 1914, oficiais franceses apresentam-se à porta do Hospital e dão-lhe voz de prisão. — A França estava em guerra com a Alemanha — disseram — o senhor e a sua esposa são alemães.

— Não, somos alsacianos e estamos aqui reagindo contra opressões como a alemã.

Inútil. Os missionários foram presos, mandados para a Europa e internados num campo de concentração. A França já resgatou este erro prestando homenagem ao sábio missionário.

Os três anos de internamento abalaram a saúde do casal, que foi aconselhado a não voltar a África, mas nem os três anos de convalescença o conseguiram conservar inactivo.

Viajando em terceira classe, hospedando-se em pensões modestas, Schweitzer percorreu a Europa dando concertos de órgão, fazendo conferências e assim reuniu os fundos necessários para uma nova expedição. Como sua esposa não estava ainda restabelecida, marchou sòzinho e só dois anos mais tarde ela se foi juntar ao marido.

Schweitzer sentia na sua alma aquele mesmo imperativo que levou o grande apóstolo S. Paulo a proclamar: — *Ai de mim se não evangelizar!* Nas suas memórias escreve ele: — «Tornou-se positivamente claro para mim que eu não tinha o direito moral de julgar a minha feliz mocidade, a minha boa saúde e as minhas capacidades de trabalho como coisas naturais». Por isso concluía: «Devemos todos participar da miséria que pesa duramente sobre o mundo». E noutro passo. «A ideia

(Conclui na 7.ª página)

Uma Exposição do Grupo n.º 13 ao Presidente da Direcção da A. E. P.

O ESCOTISMO

SEU VALOR E ACTUALIDADE

III

O GRUPO DE ESCOTEIROS DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA

CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES

Ex.mo Sr. Comandante Henrique Tenreiro,
Dig.mo Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal:

(Continuação do número anterior)

5 — Estas manifestações oficiais só vêm confirmar que o movimento educativo iniciado na Sociedade de Geografia de Lisboa vinha ao encontro de necessidades nacionais.

A Escola Superior de Educação Física, com o seu campo experimental — o Grupo de Escoteiros — outro fim não teve além de intervir na formação de uma consciência moral e nacional através da acção educativa.

Na verdade, o Escotismo revela-se, de entre todos os sistemas educativos, como a mais perfeita organização prática da educação integral da personalidade humana, orientada para a acção social.

Basta meditar na estruturação fundamental deste sistema para que não restem dúvidas acerca da sua superioridade educativa. Os objectivos essenciais do Escotismo falam por si:

— Estimular o *espírito de iniciativa*, habituando o escoteiro a resolver as dificuldades da vida pelos seus próprios meios;

— Despertar o *sentimento da responsabilidade* pelo desempenho de missões cuja realização dependa do seu único esforço;

— Dar *hábitos de disciplina* e de *higiene física*, pela prática de actividades coordenadas, em contacto frequente com os elementos naturais (mar, campo montanha, floresta, etc.);

— Criar *laços morais* de altruísmo e solidariedade através de acções que nobilitem o carácter e estreitem a amizade e boa camaradagem e, sobretudo:

— Criar um ambiente que dê plena satisfação às mais nobres *necessidades humanas* de ordem moral e religiosa, afectiva e social, intelectual e estética, patriótica e nacional.

«O Escotismo tem favorecido mais a mocidade... do que todos os governos do mundo juntos. Eu estremeço de comoção quando vejo um Grupo de Escoteiros», afirmava, em 1918, o almirante Lord Beresford. E Lloyd George dizia com a maior sinceridade: «A única coisa que lamento na carreira de Baden-Powell é não ter lançado os seus escoteiros mais cedo. Que diferença para o país se uma instituição deste género tivesse começado há 30 anos».

A verdade contida na afirmação do almirante Lord Beresford, apesar dos anos decorridos, pouco se tem modificado de então para cá, como se vê pelas citações referidas. Corroboram esta afirmação, as intenções bem precisas e o conscencioso balanço que se faz da vida nacional, quer no «Plano de Educação Popular», instituído pelo Decreto-Lei N.º 38.968 e pelo Decreto N.º 38.969, de 27-10-1952, quer na reforma da nossa Educação Física, cujas bases foram aprovadas pela Assembleia Nacional, na sessão de 18 de Março último.

A esse respeito, são ainda bem eloquentes as palavras do Prof. Doutor Serras e Silva. Com o prestígio do seu nome, ao comentar a obra levada a efeito pelo actual Ministro da Educação Nacional, no seu último livro «Ideias fundamentais sobre a Escola Primária», diz com grande oportunidade:

> «O progresso material é grande, excede muito o que se podia esperar. Esta é a verdade, mas é também verdade que, do lado do espírito, o progresso é insignificante — nem instrução, nem educação.
> Tratámos das coisas e desprezámos os homens. Ainda bem que se começou pela escola primária, essa obra de aperfeiçoamento que tanta falta nos tem feito.»...
> «A escola é a base da formação, sem ser toda a formação como é evidente».

6 — Não admira, pois, que o ideal escotista, orientado num sentido profundamente humano, fizesse que este movimento, estimulador das mais belas qualidades de carácter, nascido na Inglaterra, galgasse oceanos e criasse raízes em todos os continentes, tornando-se, assim, verdadeiramente universal.

O Escotismo pretende, deste modo, não só unir todos os escoteiros, como ligar, por laços morais, as próprias nações.

O papel a desempenhar pelo Escotismo é vasto e complexo e exige grandes trabalhos de investigação pedagógica e actividades experimentais de acção educativa. O seu autor não podia prever todos os resultados extraordinários da sua concepção. São assim as obras de génio.

PROPOSTA

Referida, sintèticamente, a acção do Grupo 13 e focados os aspectos do Escotismo que julgo dominantes, resta-me, dentro do espírito que animou V. Ex.ª no seu primeiro contacto com os chefes dos grupos de Lisboa, contribuir com a minha modesta quota-parte para se alcançarem os benefícios práticos da obra que a todos nos interessa.

Nestes termos e,

Considerando:

— A posição crítica do Escotismo Nacional e a sua urgente necessidade de reorganização;

— O alto papel que está reservado ao Escotismo, porquanto os seus princípios e as técnicas que utiliza fazem dele a mais completa organização educativa de entre os vários sistemas destinados à formação para-escolar da Juventude;

— Que a sua processologia e ideais se adaptam, inteiramente, às modernas correntes da Psico-Pedagogia;

— Que a obra a realizar, para ser estruturalmente construtiva, não se harmoniza com formas egocêntricas, mas sim de colaboração com todos os elementos úteis à causa e todas as boas vontades, único processo de efectivar obra nacional, humana e educativa;

— Que um movimento educativo desta natureza e deste quilate pode, como é natural, contar com o amparo e a dedicação de todos aqueles que o compreendam e verdadeiramente o sintam, uma vez que

(Conclui na 6.ª página)

Uma Exposição do Grupo n.º 13 ao Presidente da Direcção da A. E. P.

(Conclusão da 5.ª página)

se adoptem as medidas que se impõem, no sentido da sua reorganização e expansão;

— Que são notórias as deficiências de organização da A. E. P. e seus serviços, principalmente no que respeita à formação de dirigentes, Educação Física, serviços médicos, instalações da Sede central e privativas dos Grupos, do que resulta a existência dum ambiente, muitas vezes desfavorável à obra educativa que todos nós desejaríamos ver realizada;

— Que a superior finalidade da A. E. P. impõe uma revisão do seu plano de trabalho para melhoria do seu nível cultural e consequente prestígio;

Tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª as seguintes sugestões que se me afiguram úteis para valorizar o Escotismo com vista à formação do futuro escol de dirigentes:

1.ª — Obter do Estado o apoio moral e o auxílio material indispensáveis à realização de uma obra educativa vasada nos moldes do Escotismo com a sua adaptação às nossas condições mesológicas e tradicionais;

2.ª — Promover a criação dum organismo destinado a dar unidade doutrinária e técnica às duas Associações, embora respeitando a autonomia e natureza especial respectivas;

3.ª — Criar um órgão, Boletim ou Revista, comum às duas Associações, destinado a arquivo dos melhores trabalhos e a servir de intercâmbio cultural e técnico com os organismos estrangeiros congéneres;

4.ª — Criar uma escola de chefes que sirva às duas Associações;

5.ª — Contratar elementos estrangeiros especializados para as actividades técnicas de carácter específico, dada a carência, quase absoluta, de técnicos nacionais à altura de poderem colaborar numa Escola com estes objectivos;

6.ª — Valorizar os actuais Chefes, prestando-lhes todo o apoio e colaboração moral, financeira e técnica de que necessitarem;

7.ª — Criar os Serviços de Educação Física e de Higiene Social destinados a ministrar Educação Física a todos os Grupos, num plano de harmónica colaboração médico-pedagógica;

8.ª — Obter uma instalação condigna para a A. E. P. com a sua Biblioteca, Museu e Arquivo, Sala de Sessões e Conferências e Gabinete Médico;

9.ª — Conseguir que na futura regulamentação do Instituto Nacional de Educação Física, a doutrina, a processologia e as técnicas escotistas, façam parte dos respectivos programas;

10.ª — Promover as diligências necessárias para que os centros extra-escolares da Mocidade Portuguesa passem a constituir campo de acção educativa das duas Associações Escotistas.

Lamento o tempo que fiz perder a V. Ex.ª com a leitura deste despretensioso relatório e das suas sugestões, peço-lhe, Sr. Presidente, se digne aceitar os protestos da mais alta consideração de quem fica ao dispor de V. Ex.ª

«Sempre Pronto»

Lisboa, 22 de Maio de 1953

O Chefe do Grupo 13
JÚLIO DOS SANTOS

14.ª Conferência Internacional de Escotismo



Conforme estava anunciado, reuniu-se em Agosto passado a 14.ª Conferência Internacional de Escotismo, desta vez no cenário encantador do pequeno principado de Liechtenstein, onde a Conferência se realizou a convite do Escoteiro-Chefe dos Escoteiros do Principado, o Príncipe Franz Joseph II. Vaduz, capital do Liechtenstein, foi o local da reunião, onde estiveram delegados de 57 nações. No Domingo de manhã, houve uma conferência para a imprensa na sala do Parlamento do Liechstenstein, sendo apresentados pormenores interessantes da vida e da história da pequena nação, que, sem armas e rodeada de vizinhos poderosos, é uma afirmação de que o direito é ainda uma força.

A Conferência foi aberta pelo Príncipe, que encareceu o valor do Movimento e o seu significado educativo para a mocidade do seu país. Depois dos agradecimentos, o coronel Wilson apresentou o seu relatório como Director, cargo que exerceu durante 15 anos, e entregou a medalha «Bronze Wolf» a Jean Salvaj (Suíça), Sten Thiel (Suécia) e R. Thomson Lund (Repartição Internacional de Escotismo), que deixam a actividade do Escotismo depois de 41, 39 e 31 anos de serviço, respectivamente, e passam a dedicar-se ao movimento de Antigos Escoteiros.

Na mesma sessão de abertura, o Barão van Woorst tot Woorst, delegado da Holanda, agradeceu o generoso auxílio e simpatia expressa pela Holanda da parte dos Escoteiros de outros países, por ocasião das inundações que em Fevereiro atingiram o seu país.

Estiveram presentes na Conferência e apresentaram saudações a Repartição Internacional de Guidismo, a Aliança Mundial das Associações Cristãs da Mocidade e o Exército de Salvação.

No encerramento, o Coronel Wilson fez a apresentação do General Daniel Charles Spry como novo Director da Repartição Internacional de Escotismo, pondo em relevo a sua dedicação pelo Movimento e afirmando que o Escotismo mundial muito teria a lucrar com a presença de um Director 25 anos mais novo do que ele, antecessor.

O General Spry agradeceu as referências, afirmando ter aceite o convite sòmente por reconhecer as dificuldades do Coronel Wilson, cujos grandes serviços ao Escotismo pôs em merecido relevo, e disse esperar que a colaboração de todos facilitaria a tarefa que lhe tinha sido confiada.

Entre as conclusões tomadas, a Conferência resolveu realizar o «Jamboree» de 1955 no Canadá e um «Jamboree» extraordinário comemorativo das bodas de ouro do Escotismo no país Fundador — a Inglaterra — em 1957.

A Voz do Chefe

SINCERIDADE

Em certo momento da minha vida, tive de descobrir e interrogar espiões. É claro que um meio fácil de descobrir a nacionalidade de um suspeito é o de fazer marchar a pé e escutar em que língua ele se exprime então. Mas um estrangeiro ligado ao mesmo serviço, disse-me uma vez que se ele julgasse que um homem fosse um oficial inglês disfarçado, submetê-lo-ia a uma prova infalível: começaria a conversar com ele e aproveitaria a primeira ocasião para lhe chamar mentiroso. Qualquer que seja a habilidade do oficial para dissimular a sua verdadeira personalidade, se lhe chamasse mentiroso, irritar-se-ia com o insulto e trair-se.

É exacto. A palavra «mentiroso» é um soco para um homem honesto. Não posso suportar ouvir esta palavra empregada, a torto e a direito, por homens e crianças, em questões banais. «És mentiroso», gritam logo. À força de a ouvir, suponho que se habituaram, mas um homem de honra jamais se poderá habituar a isso. É sempre para ele o pior insulto.

BADEN-POWELL

Kandersteg

— sua significação para o escotismo mundial

Kandersteg, situado no *Oberland* de Berna (Suíça), ao fundo do Vale do Kander, a 1.200 metros de altitude, a uma hora de caminho de ferro de Berna, onde param os comboios expressos da linha internacional do Loetschberg-Simplon, é bem conhecido dos escoteiros do mundo inteiro. Há trinta anos que Kandersteg possui *o único chalé escotista internacional*, rodeado de extensos campos. O edifício, do tipo chalé, possui dependências para os escoteiros, caminheiros e dirigentes, mais de 24 quartos de cama de diferentes tamanhos com um total de 120 camas. O terreno de acampamento, que se estende por todo o fundo do vale, compreende 50 clareiras, separadas umas das outras por pequenos bosques de verdura e renques de salgueiros. Tem capacidade para se armar aí mais de mil tendas de campanha.

Os grupos de escoteiros ou as equipas de caminheiros que acampam em Kandersteg, seja no chalé, seja em tendas, ficam inteiramente livres de se organizarem como entenderem. O chefe do chalé e os seus ajudantes («primos») são responsáveis pela ordem e ficam à disposição dos grupos para os aconselhar e acompanhá-los nas voltas pela montanha. Por seu turno, os hóspedes encarregam-se dos trabalhos de limpeza. As reuniões de canto e os fogos de conselho dão aos escoteiros dos diferentes países o ensejo de se tornarem conhecidos uns dos outros. O centro de aperfeiçoamento para os chefes da Federação dos Escoteiros Suíços, o «Gilwell» da Suíça, está situado numa das partes do terreno do acampamento.

Os arredores de Kandersteg oferecem uma grande variedade de excursões de todos os géneros: alpinismo, passeios pelas gargantas das montanhas, pelos elevados cumes e pelos glaciares, os quais satisfazem tanto o modesto turista em férias como o alpinista experiente. A fauna e a flora desta região, tão ricas como variadas, os seus luminosos lagos de montanha, as impressionantes barreiras contra as avalanches, — as instalações técnicas do caminho de ferro, os vales vizinhos, os costumes pitorescos, tornam Kandersteg riquíssima em possibilidades para explorações e práticas desportivas.

Em Kandersteg, duas instituições escotistas trabalham de mãos dadas: a Associação do Chalé Escotista Internacional, proprietário do chalé, e o Clube Alpino Escotista Internacional, que há 30 anos alugou o chalé e é proprietário do terreno de acampamento. A direcção deste organismo recebe as inscrições dos hóspedes, dirige a sua exploração em Kandersteg e organiza todos os anos as *Semanas do Alpinismo* com as *Cordées* internacionais.

«O AMOR — Luz que iluminará o Mundo»

«*A Flor de Lis*», nosso colega de imprensa escoteira e órgão oficial do Corpo Nacional de Escutas, ao agradecer a merecida referência que no nosso número 96 fizemos ao seu 28.º aniversário, tem, a propósito do nosso Editorial desse número, as seguintes palavras: «Louvamos ainda o nosso camarada pela bela doutrina do seu artigo:

«*O Amor — Luz que iluminará o mundo*».

Agradecemos a gentileza.

PRÉMIO NOBEL DA PAZ

Alberto Schweitzer — o maior homem do século

(*Conclusão da 4.ª página*)

de toda a miséria no mundo tem sido uma constante fonte de sofrimento e dor para mim».

Regressado a Lambarené, outra decepção o aguardava, mas a sua coragem não se abalava. Nada restava já das antigas instalações hospitalares. A formiga branca tinha destruído tudo. Era preciso recomeçar. Schweitzer era médico de manhã e construtor à tarde. Uma missão católica enviou-lhe de longe um carpinteiro que o auxiliou a reconstruir o Hospital.

A obra continuou. O hospital alargou-se e hoje é uma instituição modelar. Schweitzer fazia apelos para os meios protestantes e as ofertas iam chegando, mas, além disso, era, e é, o próprio missionário que sustenta a obra. É que, no meio da sua incansável acção, consegue ainda tempo para escrever e as suas obras são apreciadíssimas na Europa e na América em face do seu impressionante pensamento cristão e filosófico, revertendo o produto para o sustento da missão, cujo desenvolvimento é hoje notável e possui pessoal missionário consagrado, 2 médicos e 10 enfermeiros europeus, assim como dedicados enfermeiros indígenas que o próprio Dr. Schweitzer preparou e ensinou nos seus 40 anos de actividade. O Hospital tem 500 doentes. Além deste, a Missão possui uma «aldeia» onde se encontram provisòriamente instalados em cabanas 250 leprosos. O missionário, apesar dos seus 78 anos, está agora construindo edificações para uma nova leprosaria. A Missão possui ainda uma colónia agrícola e um laboratório científico para pesquisas sobre as doenças próprias da região.

A última guerra, embora tenha criado à obra missionária problemas difíceis, especialmente financeiros, não interrompeu a sua acção. A lepra desceu muito na região e a mortalidade diminuiu.

Em 1949, o Dr. Schweitzer regressou à Europa na companhia de sua Esposa, vendo pela primeira vez os seus quatro netos no lar de sua filha, Rhena, perto de Zurique, na Suíça. Há quase quinze anos que não vinha à Europa, à excepção de uma curta e agitada semana em 1939 quando é certo que no clima daquela região africana os europeus se não devem conservar mais de dois anos sem um período de repouso na Europa.

Em 1951, o governo francês galardoou-o com o grau de Oficial da Legião de Honra. Em 20 de Outubro do ano passado, a Academia de Ciências de França recebeu no seu seio, para ocupar a vaga deixada por Pétain, o Dr. Alberto Schweitzer, doutor em filosofia, em teologia, em medicina, grande músico e sobretudo médico missionário do já célebre Hospital de Lambarené. Apesar da chuva que caía nesse dia, a multidão aglomerava-se à porta da douta Academia como se se tratasse de um grande acontecimento mundano. Os lugares reservados ao público estavam totalmente ocupados e encontravam-se presente as figuras mais representativas do pensamento, das ciências e das artes. Na primeira fila, entre a assistência, via-se a rainha Isabel da Bélgica, viúva do Rei Alberto I.

O Dr. Schweitzer foi saudado pelo presidente da Academia. Muito simples, alto, direito, cabelos brancos, admiràvelmente bem conservado nos seus 77 anos, é conduzido ao seu púlpito através da multidão. Foi-lhe dada a palavra para a leitura do seu discurso — *O problema da ética na evolução do pensamento humano.*

As perguntas do estilo foram feitas pelos académicos Firmin Roz e Marc Boegner, este seu colega no pastorado evangélico, tendo sido calorosamente aplaudido.

E esta, a traços largos, a envergadura do extraordinário Homem que foi agora, e tão justamente, distinguido com o Prémio Nobel da Paz. O sacerdote católico, seu biógrafo já atrás citado, diz dele: «Para realizar a *pobreza de espírito* de que fala o Evangelho, não há talvez melhor caminho do que o serviço do próximo. E outra coisa justamente não vem praticando, há quase 40 anos, Albert Schweitzer».

Outro seu admirador diz: — «Quase poderíamos dizer, que nele nos acercamos do protótipo do servidor ideal, que se muniu de todos os meios humanos ao seu alcance, e se pôs ao serviço da humanidade, seguindo as pisadas de Aquele que disse: *Eu não vim para ser servido, mas para servir e dar a minha vida em resgate de muitos*».

Para nós é consolador que numa época de egoísmo e de denso materialismo, em que o homem é cada vez mais o inimigo de si próprio, possamos apontar à juventude que desponta para a vida, tão notável exemplo de devoção e amor pelo próximo, um carácter que é uma confortadora certeza de que o homem iluminado por Deus pode dar-se a si mesmo, abdicando de glórias, riquezas e aplausos das multidões, para realizar uma obra de fé que é um marco de luz numa época de trevas.

O Dr. Schweitzer entrevistado na Missão de Lambarené, onde se encontra presentemente, acerca da possibilidade de ir a Estocolmo receber o Prémio Nobel, disse «que a construção dos novos edifícios da leprosaria requerem a sua presença e que empregará os 33.840 dólares do prémio na construção do Hospital». Admirável coração que até o prémio da sua obra emprega na redenção dos africanos que tanto ama, procurando ganhá-los para Jesus-Cristo, a quem serve. Schweitzer é, para nós, verdadeiramente um grande Escoteiro.

I Concurso Escotista de Fotografia

Está já assegurado o êxito do nosso Concurso Fotográfico em virtude de se encontrar já em nosso poder um número bastante razoável de fotografias. Mais interessante ainda é que os concorrentes são de diferentes pontos do país, o que prova o interesse que a iniciativa despertou entre os nossos leitores. Mais uma vez nos cumpre manifestar o nosso agradecimento pelo carinho com que o «Sempre Pronto» é acolhido.

O prazo para a recolha das fotografias termina no dia 30 do corrente e não voltará a ser prorrogado. Pedimos, pois, a todos os nossos amigos para nos enviarem as fotografias para o concurso dentro deste prazo e nas condições do Regulamento do Concurso publicado no último número do nosso jornal.

JÚRI DO CONCURSO

Fizemos particular empenho em que o júri do nosso Concurso fosse constituído por elementos de reconhecido prestígio moral e artístico, de forma a garantir uma criteriosa atribuição dos prémios, que nós desejamos tenham um significado superior ao seu valor material.

Também neste aspecto nos confessamos muito satisfeitos. Convidámos três artistas muito conceituados para constituírem o Júri, que, gentilmente, se prontificaram a prestar-nos tão grande serviço. São eles: **Mestre Narciso Morais**, nome de prestígio na Arte Nacional, que presidirá. **João Bastos Nunes**, jornalista e artista fotográfico de renome. **Humberto Martins**, Escoteiro-Chefe, artista desenhador e pintor, a quem se deve muitos dos desenhos escoteiros que ilustram as nossas antigas publicações. Trata-se, pois, de um Júri que oferece a maior garantia de idoneidade a todos os concorrentes.

Esperamos que o Júri reúna nos primeiros dias de Dezembro e no próximo número do nosso jornal daremos a conhecer as classificações atribuídas. Em Janeiro faremos a distribuição dos prémios e a inauguração da Exposição Fotográfica que ficará patente ao público durante alguns dias.

PRÉMIOS

Tema: MOTIVO ESCOTISTA

1.º **Prémio**—**Taça Ferrânia**, uma taça de prata oferecida por **J. C. Alvarez, Lda.**, Rua Augusta, 205 e 207, em Lisboa, depositários dos artigos **Ferrânia**.

2.º **Prémio**—Uma máquina fotográfica «Baby-Brownie» equipada com um rolo de películas **Perutz**, oferta de **Roiz, Lda.**, Rua Nova do Almada, 82, em Lisboa.

3.º **Prémio**—Um álbum para fotografias (1).

4.º **Prémio**—Uma moldura (1).

OS PRINCIPIOS DO ESCOTISMO

(Especial para o «SEMPRE PRONTO»)

Ten. Coronel Leo Borges Fortes

Do Conselho Interamericano de Escotismo
Ex-Comissário Internacional do Brasil

(Conclusão)

E assim chegámos ao último marco que é: *LARGUEZA DE VISTAS!* O Escotismo aceita no seu seio a todo aquele que realmente se proponha a fazer um verdadeiro esforço para cumprir a Lei e a Promessa!

Um vez que o dever para com Deus é uma das obrigações fundamentais, ninguém que negue a existência de Deus, poderá ser Escoteiro. Mas, dentro da organização, a religião a que pertence o Escoteiro é estritamente respeitada; espera-se que ele cumpra os seus deveres para com sua Igreja e é estimulado a cumprir esses deveres.

Igualmente se espera que cada Escoteiro seja leal ao seu país e o sirva da melhor maneira possível, de acordo com a sua capacidade. Do mesmo modo que o Escotismo não prescreve nenhuma forma especial de religião, igualmente não fixa nenhuma forma especial de filosofia política; o seu adestramento em civismo nada tem que ver com os partidos políticos; o cidadão adulto, (como tal, e não como Escoteiro) deve escolher o caminho que o seu dever para com a Pátria lhe aconselhe.» (Bases do Método Escoteiro)

Em resumo, a Fraternidade Escoteira significa tolerância, respeito e entendimento mútuo. Isto é especialmente aplicável quando os horizontes se alargam para abarcar o mundo inteiro; um dos factos mais significativos dos primeiros tempos do Movimento Escoteiro, foi a formação expontânea de grupos em todos as partes do Mundo, poucos meses depois dele haver sido fundado em Inglaterra. A ideia de se estender o Escotismo pelo mundo, não foi, portanto, cousa recente, mas algo previsto como uma possibilidade, quase desde os seus primeiros dias. E esta possibilidade converteu-se numa realidade que as guerras mundiais não têm podido anular.

O Escotismo não foi idealizado como um sistema universal para adestrar os jovens, mas as ideias que B.-P. reuniu demonstraram ter um valor muito maior do que ele próprio imaginou. Uns depois dos outros, os países têm verificado que o Escotismo oferece à juventude um atractivo que nenhum outro sistema educativo consegue proporcionar. E assim foi forjado outro laço de união entre os povos. Inevitàvelmente terá de haver variações nos pormenores e na organização geral, de acordo com o espírito de cada país. Mas o Escotismo pode ser identificado como puro e genuíno desde que apresente as seguintes características:

— Uma promesas adoptada livre e expontâneamente, e uma Lei de procedimento.

— Um programa atraente e progressivo de actividades ao ar livre.

— Um sistema de Classes e Insígnias para estimular o Escoteiro a seguir para diante.

— Uma educação do Carácter baseada no Sistema de Patrulhas. (Bases do Método Escoteiro).

Voltaremos ao assunto. Até breve e Boa Caça!

Leo Borges Fortes

Tema: TÉCNICA ESCOTISTA OU CAMPISTA

1.º **Prémio** — Prémio «SEMPRE PRONTO» oferecido pelo nosso jornal. Uma máquina fotográfica «Boy», 4 × 6,5, Bilora.

2.º **Prémio**—Um álbum para fotografias oferta de **Fotocolor**, casa de artigos de fotografia e cinema na Rua do Ouro, 291-293, em Lisboa.

3.º **Prémio**—Um álbum para fotografias (1).

4.º **Prémio**—Um álbum para fotografias (1).

5.º **Prémio**—Uma moldura (1).

Tema: PAISAGEM E OUTRAS MANIFESTAÇÕES DA NATUREZA

1.º **Prémio**—Uma máquina fotográfica **SPARUMS** com «Flash» copulado e sintonizado, oferta da **Selecção Fotográfica**, Rua da Misericórdia, 19 a 21, em Lisboa.

2.º **Prémio**—Um «Passe-partout», moldura em cabedal tipo biombo, para três fotos 18 × 24, oferta da **Agência Fotográfica, Lda.**, Rua da Prata, 205, em Lisboa, representante dos artigos fotográficos «AGFA».

3.º **Prémio**—Um álbum para fotografias (1).

4.º **Prémio**—Duas lapiseiras «Koh-I-Noor», oferta dos Estabelecimentos Sida, Lda., Rua de S. Nicolau, 44, em Lisboa.

(1) Estes prémios foram oferecidos pela **INSTANTA, L.DA**, com estabelecimento de artigos fotográficos na **Rua Nova do Almada, 55-57**, em Lisboa.

Ainda está a tempo: — Concorra ao Concurso Fotográfico enviando até ao próximo dia 30 as suas fotografias.

FALTA DE ESPAÇO

Mais uma vez somos forçados, por falta de espaço, a retirar algum original e entre ele, o livro de provas de 2.ª classe que vimos publicando em suplemento. Deste facto pedimos desculpa aos nossos estimados leitores, esperando que, a partir do próximo número, nos seja possível a publicação regular deste suplemento que tanto interesse tem despertado.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Luto — Pelo falecimento de seu irmão Sr. António Belo Redondo, ocorrido em 18 de Outubro passado, encontra-se de luto o distinto jornalista e nosso estimado Amigo Sr. Ernesto Belo Redondo, antigo escoteiro, a quem expressamos o nosso profundo pesar.